

**O Cristão e o Mundo:**  
*A leitura pentecostal de mundo e sua interface com a  
teologia joanina*

*The Christian and the World:  
The Pentecostal reading world and its interface with  
Johannine theology.*

Esdras Costa Benthó

**Resumo:**

O conceito de “mundo” não significa necessariamente “mundano” e “mundanismo”. Contudo, os termos são empregados na liturgia e exposição bíblica nas Assembleias de Deus de modo constante e variado, seguindo uma extensa tradição fundacional nas revistas de Escola Dominical. Existe alguma relação entre essa forma própria de os teólogos pentecostais clássicos se expressarem nas Lições Bíblicas com a teologia bíblica do Quarto Evangelho?

**Palavras-Chave:** Pentecostal Clássico; Mundo; Teologia Joanina; Dualismo.

**Abstract:**

The concept of “world” does not mean necessarily “worldly” or “worldliness”. However, both terms are employed in liturgy and biblical exposition in the Assemblies of God in a constant and varied, following an extensive fundationa tradition from the Sunday Schools magazines. Is there any relation between this proper form that classic Pentecostal theologians use to express themselves in the Biblical Lessons and the biblical theology of the Fourth Gospel?

**Keywords:** Classic Pentecostal; World; Joanine Theology; Dualism.

## Introdução

Toda elaboração teológica é um exercício hermenêutico. E, desse modo, uma atividade de compreensão e explicação situadas na história e limitadas pelo seu contexto e tradição. O estudo proposto, portanto, não é neutro ou despojado de pressuposições. A hermenêutica crítica previne o educador e teólogo contra essa pretenciosa ilusão. O gesto da hermenêutica é de humilde reconhecimento das condições históricas e finitas a que estão submetidas toda compreensão humana.

O presente estudo é desenvolvido a partir do horizonte de interpretação das Assembleias de Deus, minha comunidade de fé, e do contexto teológico no qual fui formado. Portanto, o *distanciamento* do objeto de pesquisa e a *pertença à tradição de fé* constituem uma aporia que, à maneira de Paul Ricœur, somente é possível ultrapassar mediante o texto, pelo qual, com efeito, reintroduz-se uma noção positiva e produtora do distanciamento. O texto, afirma Ricœur, “é o paradigma do distanciamento na comunicação”. Por essa razão, revela um caráter fundamental da própria historicidade da experiência humana, a saber, “que ela é uma comunicação na e pela distância”<sup>1</sup>.

O principal objetivo deste artigo é investigar o uso dos termos “mundo”, “mundano” e “mundanismo” na teologia pentecostal, exclusivamente nas Lições Bíblicas das Assembleias de Deus, editados pela CPAD, e verificar se existe alguma relação entre o conceito dos pentecostais clássicos a respeito do vocábulo “mundo” com a teologia joanina do Quarto Evangelho. Parte-se da hipótese de que o conceito de “mundo” nos discursos dos pentecostais clássicos é uma apropriação do conceito joanino. Apropriação (*Aneignung*), no horizonte hermenêutico, não significa congenialidade ou afinidade afetiva com a intenção do autor, apesar de isto atender alguns aspectos indispensáveis à interpretação, mas apropriação de uma proposição de mundo que a obra desvende e que permite o leitor compreender-se diante do texto.

Por questões metodológicas, portanto, investigar-se-á o conceito de “mundo”, “mundano” e “mundanismo” nas Lições Bíblicas de 1934 a 1950, para verificar os diversos usos e entendimentos dos teólogos do pentecostalismo clássico a respeito dos termos. Por “pentecostalismo clássico” entende-se, com Paul Freston, o pentecostalismo de primeira onda, que se desenvolve de 1910 até 1950, no Brasil, com a fundação da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Contudo, a análise recai sobre o segundo grupo pelo fato de este desenvolver de modo mais formal, público e metódico sua teologia, possibilitando um estudo e revisão em documentos amplamente difun-

---

<sup>1</sup> RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 52.

didos. A própria designação de *primeira onda* para as duas denominações não faz jus ao hiato existente entre ambas<sup>2</sup>.

Pela impossibilidade de apurar mais profundamente as lições de 1950 em diante, dar-se-á um salto significativo para 2005, seguindo até 2012, quando então perscrutar-se-á, por amostragem, os significados que os intérpretes da tradição deram aos vocábulos destacado<sup>3</sup>. De acordo com Antonio Carlos Gil, a seleção de amostra feita por levantamentos abrange um universo impossível de considerar em sua totalidade e, por essa razão, é mais razoável e frequente trabalhar com uma amostra<sup>3</sup>. Deste modo, o longo salto evidenciado não é incoerente à metodologia adotada, porque o propósito é identificar padrões linguísticos e as interpretações teológicas e ideológicas que as compõem, sobretudo, as mantidas pelos herdeiros da tradição clássica do pentecostalismo de primeira onda. Por “herdeiros da tradição clássica” entende-se àqueles que mantêm o ensino dos fundadores, seja por respeito à pessoa e sua dignidade como “fundador”, seja por representar o pensamento fundante da denominação<sup>4</sup>. Deste modo, os herdeiros da tradição limitam-se a transmiti-la e não se interessam em repensá-la, quando muito apenas atualizam o vétero conceito, mas sem modificá-lo. A tradição e seus herdeiros cumprem o papel de pensar pelo indivíduo e também pela instituição. Max Weber considerava que essa forma de comportamento é formada pelo hábito e pela noção de que sempre foi assim e, portanto, não há necessidade de alterá-la<sup>5</sup>.

## 1. O conceito expresso nas Lições Bíblicas

Nas Assembleias de Deus, os termos “mundo”, “mundano” e “mundanismo” são usados e repetidos em diversos momentos da liturgia e exposição bíblica. O cristão assembleiano acostumou-se a ouvir as expressões no contexto da *santidade* que deve abraçar e do *pecado* que deve peremptoriamente rejeitar. Na interlocução entre os cristãos, afirmar que “algo é mundano”, “pertencente ao mundo”, ou que “isto ou aquilo é mundanismo” é imediatamente compreendido como “pecado ou impureza”, sem qualquer mediação crítica.

---

<sup>2</sup> FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto (et al.) **Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 74ss. A respeito da querela suscitada pelas expressões “primeira”, “segunda” e “terceira onda”, ver meu artigo: *Identidade da Igreja na Modernidade Líquida*. In: **Revista Enfoque Teológico**. Volume 2, Número 1, Cuiabá: FEICS, p. 11-39.

<sup>3</sup> GIL, A. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988, p. 97ss.

<sup>4</sup> A presente pesquisa prova a veracidade da assertiva.

<sup>5</sup> WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

Todavia, as mesmas expressões podem ser compreendidas distintamente por outro grupo social e religioso. Nisto não há qualquer incoerência. Sabe-se que os sentidos das palavras não são fixos e imanentes como se apresentam nos léxicos. Os sentidos surgem dentro de um contexto e lugar ocupado pelos sujeitos em interlocução, e de acordo com a formação ideológica e situação social dos sujeitos. O filósofo francês Michel Pêcheux (1939-1983), afirma que:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma preposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas<sup>6</sup>.

É certa a dialética entre história e discurso, ideologia e produção de sentido. O sujeito discursa a partir de um *locus* que enseja uma cosmovisão e perspectiva na qual sua identidade é construída e afirmada. M. Castells corretamente enfatiza que determinado atributo cultural é o elemento mediante o qual o ator social se reconhece e constrói significado<sup>7</sup>. Todo enunciado espelha esse complexo e vasto contexto. Assim, o sentido dos vocábulos destacados pode não ter o mesmo sentido noutras tradições pentecostais pelo pertencimento do interlocutor à outra tradição, que lê a realidade e interpreta as Escrituras de modo distinto. Mas o sentido dos termos no ambiente das Assembleias de Deus no Brasil se mantém quase inalterado por décadas, como demonstra as pesquisas realizadas nas Lições Bíblicas.

### 1.1. O conceito nas Lições Bíblicas de 1934 a 1940

Na tradição pentecostal clássica, os termos não são frequentes nas *Lições Bíblicas*<sup>8</sup> de 1934-1940<sup>9</sup>, na qual um deles (*mundo*) se destaca no título: “A infância e o mundo cristão” (4º. TR 26/12/1937 – Nils Kastberg)<sup>10</sup>, no entanto, sem qualquer explicação do sentido, a não ser o que propõe o título – o contexto sagrado no qual o cristão vive, isto é, um mundo dentro de outro no qual ele é peregrino. O “mundo cristão” é o espaço sagrado e cultural no qual as crianças

<sup>6</sup> PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: EDUNICAMP, 1997, p. 190.

<sup>7</sup> CASTELLS, M. **O poder da identidade: A era da informação, economia, sociedade e cultura**. 2.ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol. 2, p.39.

<sup>8</sup> Lições Bíblicas é o título do caderno didático e doutrinário das Assembleias de Deus, editado pela CPAD para as Escolas Dominicais. Quando grafada com inicial maiúscula refere-se à lição trimestral (Lição), enquanto em minúscula, um dos títulos dentro do trimestre (lição).

<sup>9</sup> Coleção Lições Bíblicas: 1934-1940. VI. 01, Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

<sup>10</sup> As Lições Bíblicas são distribuídas em quatro trimestres (TR) anuais (janeiro – março [1º] abril – junho [2º]; julho – setembro [3º]; outubro – dezembro [4º]). A data corresponde a da lição, seguida do respectivo autor.

crentes vivem e que regula sua formação e *modus operandi*. O título pressupõe um contraste com o “espaço marginal” e distinto que compõe a vida pública e social.

Mesmo nos títulos que ensejariam uma nuance que justificaria a presença dos vocábulos (*mundo/mundano*), como “Fortaleza moral dos crentes” (1º. TR 17/3/1940 – Samuel Nyströn), “Lei da integridade moral” (3º. TR 7/07/1940 – Samuel Nyströn), “O padrão da vida pessoal” (3º. TR 14/07/1940 – Samuel Nyströn), “Como vencer as tentações” (3º. TR 22/09/1940 – Samuel Nyströn), eles estão ausentes. A ausência pressupõe que os pentecostais clássicos relacionam os sememas aos seus antônimos e, logo, não há necessidade de explicar o que os leitores compreendem, por apropriação da tradição na prática da liturgia, do ensino e do discurso simbólico. Este último adquire sua eficácia por meio do contexto a que está situado e, portanto, a dimensão social que este fenômeno está inserido é o que confere-lhe sua dimensão simbólica<sup>11</sup>.

Encontram-se inexistentes também na lição “O perigo da frivolidade” (2º. TR 26/05/1940 – Samuel Nyströn), na qual o missionário sueco, combate o modernismo (liberalismo teológico), legalismo, clericalismo, tolerantismo [sic.] de costumes e discursa a respeito da confusão acerca do traje cristão e critica os “crentes que censuram qualquer objeto útil que se usa no traje”. Destaca-se a exortação para se “viver acima das coisas terrestres”<sup>12</sup>, entendidas pelo contexto imediato como acessórios frívolos. O cristão pentecostal deve trajar-se de modo digno, respeitável, e, conseqüentemente, distinguir-se dos demais já no traje. De acordo com o comentarista<sup>13</sup>, o uso de acessórios não deve ser um problema para a santidade cristã, entretanto, é necessário manter o equilíbrio e evitar a vaidade. É por esse *ethos* exclusivo e diferenciado, que marca a vida pública dos cristãos pentecostais brasileiros, que F. C. Rolim, os chamará de seita<sup>14</sup>. Todavia, termos teológicos e bíblicos extraídos da hamartiologia, soteriologia e antropologia teológica, que tratam da santidade, modéstia, moral ou fazem oposição a elas, são abundantes: carne, nova vida, velho homem, costumes e práticas, luxúria, integridade moral, justiça, opróbrio, frivolidade, *in passim*. O discurso que expressa a santidade nos ensinamentos

<sup>11</sup> IBAÑEZ, T. G. **El conocimiento de la realidad social**. Barcelona: Sendai, 1989, p.118. Tanto a Linguística quanto a Antropologia chamam a relação entre discurso e contexto de intertextualidade – uma referência às conexões discursivas entre os tipos de texto e o contexto geral.

<sup>12</sup> Id., p.1038.

<sup>13</sup> É o título que a CPAD adota para os pastores e teólogos que escrevem as lições de Escola Dominical. Geralmente, são pessoas comprometidas com a tradição e raízes históricas da denominação. O título também confere certo prestígio denominacional aos escritores assim designados.

<sup>14</sup> ROLIM, F. C. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. Mas especificamente, às normas de comportamento e hábitos do cotidiano, incluindo lazer e vestimentas.

dos pioneiros pentecostais é composto por diversos vocábulos emprestados da teologia paulina. A hermenêutica destes termos se enraizará no discurso pentecostal e formará a tradição, que determinará a moral e os costumes que regularão a vida dos fiéis. Os comentaristas pentecostais clássicos apropriavam-se dos termos bíblicos-sistemáticos da Teologia Bíblica e interpretava-os à luz da irrupção do sagrado e sua ruptura com o mundo.

## 1.2. O conceito nas Lições Bíblicas de 1941 a 1950

Nas Lições de 1941-1945<sup>15</sup>, repete-se a mesma perspectiva, excetuando três lições: “O julgamento de Jesus” (1º. TR 02/04/1944 – Gustavo Kessler e Adalberto Arraes) na qual, *mundo*, refere-se à expectativa dos povos e a preparação social e política das nações para receber o Messias. Mundo, portanto, é o espaço da efetivação do *eschaton* divino na história. Não é apenas o lugar no qual o Filho de Deus será revelado, mas também onde manifesta-se o controle divino sobre as forças políticas, econômicas e religiosas. Deus revela-se e intervém na história do mundo. Nesse interim, os pioneiros pentecostais já mostravam um profundo discernimento e vocação teológica, quer por sua hermenêutica das Escrituras, quer pela experiência de fé, ao ligar ao conceito de história o de revelação, e este ao daquele. Como mais tarde haverá de afirmar a *Dei Verbum*, (Concílio Vaticano II – 1961-1965), e depois Batista Libanio, a respeito da relação entre história e revelação, na qual uma se constitui o horizonte de compreensão da outra, e, assim, o conceito de história é afetado pela revelação, e esta não pode ser devidamente compreendida à parte da própria história<sup>16</sup>.

Na lição, “Os vícios e suas consequências” (2º. SM 28/10/1945 – Gustavo Kessler e Adalberto Arraes)<sup>17</sup>, *mundo* é citado como o “lugar que se vive”, “habitação” e, conseqüentemente, um “lugar de passagem”, no âmbito da igreja peregrina. Também nesse período são empregados termos teológicos em vez das expressões objetos desta pesquisa: natureza carnal, natureza espiritual, mordomia, corpo como templo do Espírito, *in passim*.

As Lições de 1946-1950<sup>18</sup> não avançam em relação as anteriores, exceto pelo tema “Edificando sobre a Rocha” (3º. TR 11/07/1948 – autor desconhecido<sup>19</sup>). Nesse estudo dominical, o comentarista, ao explicar os *Dois Caminhos*

<sup>15</sup> Coleção Lições Bíblicas: 1941-1945. Vl. 02, Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

<sup>16</sup> Libanio, J. B. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. 4. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 286. Ver *Dei Verbum*, 2 – *Natureza e objeto da revelação*.

<sup>17</sup> Por uma questão singular, as lições do ano de 1945 foram divididas em dois semestres (SM).

<sup>18</sup> Coleção Lições Bíblicas: 1946-1950. Vl. 03, Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

<sup>19</sup> Apesar de o autor não ser conhecido, parece-me que as evidências apontam para Emílio Conde

(Mt 7.13-14), divide a humanidade em “salvos e perdidos, justos e injustos, regenerados e não regenerados”, no qual os primeiros de cada par são orientados a abandonar os “companheiros mundanos”, “tais como”, explica, “beberões, mundanos de toda a sorte, os materialistas e os que tem uma forma de religião”<sup>20</sup>.

Em cerca de dezesseis anos (1934-1950) apenas uma vez aparece o termo “mundanismo” como um modo de vida hedonista e materialista que deve ser evitado pelo cristão pentecostal. É possível que o emprego do vocábulo pela primeira vez em Lições Bíblicas seja resultado da febre escatológica que atingiu as igrejas antes, durante e que se intensificou após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O missionário e comentarista, Samuel Nyström, à época, escreveu no periódico oficial da denominação, *Mensageiro da paz*, em 1946, que o Senhor “antes que venha esta aflicção [sic.] – a vingança de nosso Deus – o Senhor tirará o seu povo da terra”<sup>21</sup>. Com a iminência da *parousia* exigia-se mais santidade e separação da vida mundana, mais apego às realidades célicas em detrimento ao materialismo e da crise de sentido que grassava no pós-guerra. Esta aproximação da *parousia* não lançava o cristão pentecostal no futuro, mas servia-lhe de admoestação para viver o presente, longe da influência mundana.

### 1.3. O conceito nas Lições Bíblicas de 2005 a 2012

No ano de 2005 publicou-se a Lição “*E agora como viveremos?*”, cujo tema predominante era a Pós-Modernidade e os desafios que esse período impõe à igreja. Na lição “A atuação maligna no movimento pós-moderno” (4º. TR 16/10/2005 – Jeremias do Couto), o comentarista descreve o “sistema mundano” na política, na religião, nos meios de comunicação e descreve “como vencer os males do sistema mundano”<sup>22</sup>. Aqui os vocábulos “mundo”, “mundano” e “mundanismo” são compreendidos como um sistema complexo e sutil que atua em toda esfera social sob a égide do Diabo (sic.)<sup>23</sup>. Afirma:

---

(1901-1971), cuja admissão oficial como funcionário da CPAD data de 15 de março de 1940, depois de aceitar ao convite do missionário Nils Kastberg.

<sup>20</sup> Coleção Lições Bíblicas. VI. 03, p.637.

<sup>21</sup> MENSAGEIRO DA PAZ. Junho de 1946, n.11, p.3. Não se pode negar a influência da escatologia desenvolvida pelos pentecostais estadunidenses na escatologia divulgada no Brasil pelos pioneiros assembleianos, como também da *Bíblia de Referência Scofield* (1909), de autoria do teólogo Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921).

<sup>22</sup> LIÇÕES BÍBLICAS DE MESTRE. 4º. TR 16/10/2005, p. 21-24, designada pela sigla LBM.

<sup>23</sup> Por convicção teológica, a CPAD grafa o termo sempre com maiúscula em suas obras e periódicos, mesmo que estas sejam grafadas em minúscula pelo autor.

Como seguidores de Cristo, sabemos que, por trás dos ensinamentos filosóficos pós-modernos, existe uma ação maligna de abrangência mundial. O Diabo opera no mundo, desde o princípio, e faz das pessoas que o seguem (1 Jo 5.19) instrumentos de oposição aos propósitos de Deus.

Segundo a lição (LBM)<sup>24</sup>, o mundanismo se manifesta na *política* (corrupção e legalização de leis anticristãs: eutanásia e aborto); na *religião* (sincretismo, pluralismo religioso e angelolatria); na *mídia* (ridicularização da fé cristã, promiscuidade, adultérios e homossexualidades); na *ciência* (materialismo e evolucionismo); na *filosofia* (existencialismo ateu, humanismo e pós-modernismo); na *ética* (relativismo, pluralismo sexual e hedonismo); na *teologia* (liberalismo, ataque à inspiração e inerrância da Escritura e corrupção doutrinária).

Observa-se a extensão do conceito em relação às décadas de 30, 40 e 50, na qual o termo “mundano” pouco aparecia e, nas entrelinhas dos termos que expressavam a moral pentecostal, subtendia o que ficou mais claro a partir do 3º Trimestre de 1948, ou seja, uma vida de prazeres. Agora, o sentido abrange diversas áreas da vida social, muito embora algumas delas já tivessem sido destacadas nas lições das décadas passadas como corrosivas à doutrina (liberalismo teológico, falsas filosofias, etc.), enquanto outras não poderiam ser citadas pelo limite e condicionamento histórico (pós-modernidade, *mass media*, etc.). Todavia, o que se nota não é uma ruptura com o sentido dado pelos pioneiros ou mesmo um arejamento das ideias fundacionais, mas a ampliação do conceito à nova realidade do século XXI. Assim, a pós-modernidade é vista como irrupção da ação do mal no mundo. A definição não é tomada de uma compreensão histórica ou filosófica, mas dos seus efeitos sociais, nem sempre distinguidos dos problemas da modernidade<sup>25</sup>. Não é postigo afirmar, porém, que a lição destacada surgia no limiar das comemorações do Centenário do Movimento Pentecostal Mundial (1906-2006) pela denominação.

Nas comemorações do Centenário do Movimento Pentecostal Mundial (1906-2006) fora publicada a Lição “As doutrinas bíblicas pentecostais” em homenagem e afirmação do pentecostalismo mundial. As comemorações do centenário das Assembleias de Deus no Brasil ocorreriam cinco anos depois, em 2011 (1911-2011). Na lição, “O cristão e a santificação” (3º. TR 06/08/2006 – Antônio Gilberto), o comentarista utiliza o adjetivo “mundano” e o substantivo “mundanismo” em dois sentidos: oposição ao que é santo e

<sup>24</sup> LBM – Lições Bíblicas de Mestre. Título dado ao caderno didático, suplementar e doutrinário destinado aos professores de Escola Dominical.

<sup>25</sup> O contexto no qual surge essa Lição é marcado pela publicação e sucesso, entre cristãos reformados e pentecostais, da obra conjunta de Nancy Pearcey e Charles Colson, *E agora, como viveremos?*, e *O cristão na cultura de hoje*, ambos editados pela CPAD.



mistura “com as coisas tenebrosas do pecado”. Assim, a igreja mistura-se com o “mundanismo”, a “doutrina do Senhor com as heresias”, a “adoração com as músicas profanas”<sup>26</sup>. O sentido ainda refere-se àquele embrionário usado pelos pioneiros. Todavia, a ameaça do mundanismo não é mais uma realidade externa à igreja, mas uma presença corruptora no seio da própria instituição.

Verifica-se no discurso uma preocupação efetiva com a secularização, as novas eclesiologias<sup>27</sup> e manifestações pós-pentecostais<sup>28</sup>, que solapam a identidade da comunidade pentecostal clássica. Esses movimentos são frutos da globalização e da sociedade de informação, nas quais os jovens nascidos a partir de 1990 estão inseridos e identificados, enquanto seus genitores ainda estão presos à identidade pentecostal pretérita. Essa preocupação fora declarada já antes, em 1999, na resolução do 5.º. *Elad*, realizado no Rio de Janeiro, a respeito das Assembleias de Deus que mimetizavam as práticas litúrgicas e doutrinárias das igrejas neopentecostais. Afirmava: “Quem procura imitar esses movimentos não se identifica com a nossa denominação e nem com a deles”<sup>29</sup>.

Na lição, “A renovação espiritual do crente” (3º. TR 20/08/2006 – Antônio Gilberto), o substantivo “mundo” e o adjetivo “mundano” são usados em

---

<sup>26</sup> LBM, p. 45,48.

<sup>27</sup> O conceito de “novas eclesiologias”, conforme admitido nesse artigo, não tem qualquer caráter pejorativo, mas é ressaltado aqui o caráter sociológico e distinto de uma outra tradição. A Igreja é uma realidade misteriosa – corpo místico de Cristo – e, portanto, plural em suas dimensões, inclusive cultural. Ver BENTHO, E. C. **Igreja, Identidade e Símbolos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 41ss. Entre alguns pentecostais, entretanto, a expressão às vezes se refere à quebra da tradição litúrgica denominacional.

<sup>28</sup> Pós-pentecostais é definido pelo Deão acadêmico do Seminário Teológico das Assembleias de Deus em Springfield, Missouri, EUA, Joseph L. Castleberry como uma “nova e estranha tendência” na qual estão vivendo as igrejas pentecostais e neopentecostais. A expressão refere-se tanto a repressão dos carismas espirituais quanto ao uso ilógico e fanático dos carismas espirituais. Ver Castleberry, Joseph L. *Pós-pentecostalismo: estranha moda tenta apagar as manifestações espirituais na igreja*. In: MANUAL DO OBREIRO, Ano 28, nº 32, out-nov-dez, 2005, p. 14-18.

<sup>29</sup> Ver DANIEL, S. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil: os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal Brasileiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p.583. A resolução dá o seguinte parecer a respeito da liturgia e doutrinas neopentecostais: “*Não é necessário copiar. Nós somos pentecostais clássicos. Isso significa que somos modelos para os outros. São eles, portanto, que devem aprender com as Assembleias de Deus e não nós com eles, em matéria de doutrina pentecostal. É muita falta de bom senso e de respeito para com nossa denominação copiar de grupos neopentecostais, que sequer sabemos quem são, nem de onde vêm e nem para onde vão. Com a avalanche de igrejas neopentecostais, liturgias e crenças para todos os gostos têm levado alguns de nossos líderes a se fascinarem por esses movimentos, imitando e copiando seu sistema litúrgico. Ora, quem pertence a nossa igreja não está enganado, são crentes que sabem o que querem, que conhecem nossa doutrina, tradição, usos e costumes e com a nossa forma de adoração. É também correto afirmar que a maioria se sente bem em nossos cultos de adoração a Deus [...] Quem procura imitar esses movimentos não se identifica com a nossa denominação e nem com a deles [...]*”.

conjunto para descrever o “afastamento do mundo” e dos “vícios e práticas mundanas, emanadas do velho homem, que muitas vezes atingem sorrateiramente a vida do crente”<sup>30</sup>. Nesse contexto, o *mundo* corresponde a um lugar que não é físico, material e ordinário, mas um *locus* espiritual, ideológico, perverso, dominado pelo diabo, do qual o crente deve não apenas se afastar, como também evitar as práticas e modos de vida (mundanismo) comuns aos mundanos – aqueles que habitam esse mundo espiritual e ideológico. Um aspecto que deve ser observado é o fato de a presente lição ter sido escrita pelo pastor Antônio Gilberto, considerado pela denominação como patrono da Escola Bíblica Dominical e principal teólogo pentecostal. Sendo consultor doutrinário e teológico da Casa Publicadora das Assembleias de Deus, órgão oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), sua voz representa a tradição clássica da denominação.

No ano seguinte, mais uma Lição enfatiza o vocábulo “mundanismo” no título da lição 2: “Os efeitos do mundanismo na família” (2º. TR 15/04/2007 – Elinaldo Renovato), todavia, o autor não cita o termo em nenhuma parte de seu comentário durante todo o trimestre, que traz como temário: “Tempos trabalhosos: como enfrentar os desafios deste século”. Dois fatos podem esclarecer a ausência dos termos na lição. Primeiro, os títulos das lições são elaborados pela CPAD e não propriamente pelo comentarista. Segundo, provavelmente não havia necessidade de explicitar um termo que a denominação já estava familiarizada. De qualquer forma, o vocábulo é ausente, mas a percepção simbólica do termo aparece dentro do contexto padrão da teologia pentecostal: formas iníquas de união conjugal; divórcio, infidelidade conjugal; inversão de valores; e a tecnologia como instrumento do mal. Embora o conceito de mundanismo não seja explicado, suas formas são exemplificadas, conforme a hermenêutica teológica e social da denominação. O conceito tradicional é mantido e apenas ampliado sua abrangência, que inclui agora o uso inadequado das tecnologias.

Cerca de um ano depois, surge um novo temário: “As doenças do nosso século”, cuja primeira lição, de título idêntico (3º. TR 06/07/2008 – Wagner dos Santos Gaby), descreve o conceito “mundano” como estilo de vida hedonista. Somente na lição, “A inversão dos valores” (3º. TR 07/09/2008), é que o autor define mundanismo como “a sociedade organizada e rebelada contra Deus”, cujas leis desprezam as ordenanças divinas e “o sagrado e o religioso curvam-se ante o profano e o secular, até mesmo em certas denominações evangélicas”<sup>31</sup>. O conceito descreve uma forte oposição contra a igreja e aos valores cristãos,

<sup>30</sup> LBM, p. 61.

<sup>31</sup> LBM, p.74. Um dado que deve ser notado é o fato de a LBM conter informações que não são originalmente produção do autor, mas da equipe de redatores do setor de Educação Cristã.

e a presença do mundanismo nalgumas denominações evangélicas. Contudo, o sentido é mais uma vez tomado da tradição clássica a partir das novas nuances desenvolvidas após as lições de 2005. Esse retorno constante à tradição inaugurada pelos pioneiros atesta duas questões fundamentais. Primeiro, o quanto é difícil desprender-se da visão de mundo (*Weltanschauung*) transmitida pela tradição. Segundo, uma vez construída a identidade do sujeito nos valores e tradições compartilhadas pelo grupo social, o indivíduo aceita o mundo como lhe foi apresentado e, por isso, não o questiona, mas encontra a razão de sua própria identidade na existência dogmática<sup>32</sup>.

No ano do Centenário das Assembleias de Deus no Brasil (1911-2011) e, em homenagem aos louros da denominação, publicou-se em Lições Bíblicas o temário: “Movimento Pentecostal: as doutrinas da nossa fé”, de autoria do pastor, pregador e teólogo pentecostal, Elienai Cabral, com a participação do historiador da denominação, pastor Isael de Araújo, responsável pela elaboração da lição 10, que tratava da história do pentecostalismo no Brasil. No título, “Nomes e símbolos do Espírito Santo” (2º. TR 10/04/2011 – Elienai Cabral), o termo “mundo” aparece como “o lugar do qual o crente foi redimido, para pertencer unicamente a Deus”. O vocábulo, no contexto teológico do comentário, refere-se ao “mercado de escravos” –, uma figura salvífica presente no epistolário do Novo Testamento. O mundo, portanto, é o lugar onde Deus, por meio de Cristo Jesus, administra a economia da salvação, redimindo pelo sangue de Jesus, homens e mulheres do “mercado de escravos”.

Exceto por essa ocorrência, as palavras em análise não aparecem no restante das lições, muito embora a ênfase à santidade e a pureza doutrinária se mantenha por todo o temário. Expressões como “prejuízos à sã doutrina e aos costumes genuinamente cristãos”, “modismos litúrgicos”, “posturas artificiais”, “primar pela ortodoxia bíblica e sã doutrina”<sup>33</sup>, entre outras, estão de certa forma relacionadas com o conceito de mundo, mundano e mundanismo. Mas uma vez o discurso demonstra preocupação com a direção que o pentecostalismo clássico vem tomando a partir da influência das novas eclesiologias<sup>34</sup>. Os termos embora ausentes, como noutras lições, perpassam pelo mesmo conceito teológico e identitário da denominação.

Em 2012, as Lições Bíblicas abordaram o temário: “As sete cartas do Apocalipse”, cuja lição 5 trazia como título, “Pérgamo, a igreja casada com o

---

<sup>32</sup> BORNHEIM, G. A. **Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009, p.65.

<sup>33</sup> LBM, p.57, 60, 65.

<sup>34</sup> Veja nota 27.

mundo” (2º. TR 20/04/2012 – Claudionor de Andrade). O texto áureo da lição destacava a perícopos de 1Jo 2.15,16 e apresentava o tom do comentário, cujo desdobramento atacaria a corrupção doutrinária e as heresias. O “casamento da igreja com o mundo” é apresentado como “acomodação” às heresias, ao misticismo, às mentiras, às inverdades doutrinárias do Diabo [sic.], à repaganização da igreja, à fornicação e ao adultério.

Nessa lição, o mundo na qual vive a igreja de Pérgamo é interpretado como um “lugar espiritual e moralmente hostil” sob o qual jaz uma parte da igreja “casada com o mundo”, mas cujo “remanescente fiel encontrava-se aliançado com o Cordeiro de Deus”<sup>35</sup>. Há, deste modo, uma igreja dentro da igreja. A verdadeira igreja é o “remanescente fiel”, que vive em um lugar moralmente hostil (mundo) e que está aliançada com o Cordeiro. Já a falsa igreja está “casada com o mundo”, e constitui-se na maior parte dos crentes. Não somos escusados de frisar, que a citação da “teologia do remanescente” é particularmente esclarecedora ao caráter profético impingido pelo comentarista<sup>36</sup>. O conceito de “remanescente fiel” é tomado da minoria profética que permanece fiel a Javé nos dias do paganismo que grassava em Israel sob a tutela da rainha Jezabel e do culto a Baal. Assim, os dias de infidelidade a Javé de outrora retornam com novas máscaras e sutilezas desafiando mais uma vez o “remanescente fiel”.

Contudo, ocorre uma ampla mudança de posição quanto a relação entre igreja e mundo, sob três ênfases: mundanismo, heresia e fidelidade. Entre os pioneiros o mundo estava para além da realidade pneumatológica e terrestre da igreja – a preocupação era com o modo de vida dos não crentes (*ênfase no mundanismo*). Na lição do pastor Antônio Gilberto<sup>37</sup>, o mundo está misturado cinicamente à igreja – a preocupação é com a doutrina e liturgia das novas eclesiologias (*ênfase nas heresias*). Na lição do pastor Claudionor de Andrade, o mundo já está na igreja – a preocupação é com o “remanescente fiel” e sua aliança com Cristo (*ênfase na fidelidade do remanescente*). Respeitando-se as ênfases de cada período, o sentido de mundo ainda ocorre em conformidade com a tradição pentecostal clássica, já pronunciada nas Lições de autoria do pastor Antônio Gilberto<sup>38</sup>.

Nesta análise verificou-se o sentido de mundo, mundanismo e mundano

<sup>35</sup> LBM, p.38.

<sup>36</sup> O comentarista é de longa data conhecido não apenas por ser uma referência da tradição teológica denominacional como também pelo tom ácido de alguns de seus comentários nas Lições Bíblicas, como por exemplo, o comentário de Lições Bíblicas a respeito do livro do profeta Malaquias.

<sup>37</sup> “O cristão e a santificação”. 3º. TR 06/08/2006.

<sup>38</sup> Ver 3º. TR 06/08/2006 – Antônio Gilberto.

nas Lições Bíblicas, desde os pioneiros (1934-1950) até o ano de 2012. Durante todo esse período, o sentido basicamente permaneceu inalterado. Os comentaristas recentes mantiveram o sentido dos termos como apresentado conceitualmente pelos pioneiros, embora estendessem o conceito à nova forma de eclesiologia, tecnologia e comportamento. Todavia, não se encontram nas Lições recentes algum tipo de preocupação com indumentárias e “acessórios frívolos” como fora nalgumas lições dos pioneiros. Mesmo entre eles, pelo menos nas Lições, parece que o assunto não era recorrente, muito embora na exposição bíblica se tratasse de assunto sempre comentado. De modo geral, o discurso a respeito do conceito pentecostal de mundo e mundanismo pelos pioneiros e seus sucessores é o que tem mantido viva a tradição pentecostal, com tudo o que ela representa, na maioria das igrejas Assembleias de Deus brasileiras.

Resta verificar a relação dialética entre o conceito de mundo e mundanismo dos pentecostais com a teologia joanina.

## 2. O mundo no Evangelho de João

*“Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo”.*

O significado do termo grego *kosmos* é rico e variado no contexto do Novo Testamento. O vocábulo é usado nos Evangelhos (Mt 5.17; Jo 3.16) e Atos (17.6, 31), nas Epístolas (2Co 5.19; Gl 6.14; Hb 11.36; 1Jo 5.19; 1Pe 3.3) e Apocalipse (11.5). O sentido em cada ocorrência nas páginas do Novo Testamento deve ser estudado de acordo com o contexto da obra e a teologia do autor. Especificamente no Evangelho de João, o significado do substantivo é tão variegado e rico quanto nos Sinóticos<sup>39</sup>, embora nuances particulares impeçam uma interpretação totalizante e geral. Nas obras joaninas, o termo aparece no Evangelho de João, na Primeira Epístola e Apocalipse, exceto nas outras duas epístolas joaninas (2 e 3 João).

O vocábulo nalgumas vezes traz a mesma conotação dos Sinóticos e da linguagem comum aos gregos para designar *a ordem criada* (Jo 17.5,24 ver Mt 13.35; 24.21; Lc 11.50), em particular, a terra (Jo 11.9; 16.21; 25.25). Neste aspecto, *a terra* é a habitação dos homens e corresponde ao modo judaico-helenístico de expressar o espaço no qual se desenrola a totalidade da vida e atividade humanas: *“vindo ao mundo”* (Jo 6.14; 9.39; 11.27; 18.37), *“es-*

---

<sup>39</sup> Empregamos o termo Sinótico para distinguir a teologia joanina da mateana, marcana e lucana e não especificamente para expressar um ruptura e incomunicabilidade teológica entre esses evangelhos. Ver Mazzarolo. **Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos**. Porto Alegre: 2000 [edições do autor].

*tando no mundo*” (Jo 9.5), “*partindo do mundo*” (Jo 13.1; 16.28). Este modo de compreender o *kosmos* está presente também no epistolário paulino (Rm 4.13; 1Co 3.22; 7.31; 14.10; *in passim*). Cabe ressaltar que nessas perícopes, *kosmos* não tem conotação cosmológica, mas histórica.

Uma análise mais acurada aponta que muitas dessas referências trazem conceitos teológicos inteligíveis à luz da teologia joanina, mas que de modo geral se trata de uma linguagem extraída da comunicação própria do hebreu comum da Palestina para expressar a totalidade da vida, como apresenta João 1.9b<sup>40</sup>. Nesse versículo afirma-se de modo programático que a luz verdadeira alumia “*a todo homem que vem ao mundo*”. Assim, no exórdio, o *kosmos* ou mundo físico é o lugar de habitação dos homens, criado bom e aprazível pelo Logos: “*Todas as coisas foram feitas por ele.... estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu*” (Jo 1.3a, 10). Não há qualquer indício de dualismo cosmológico, quer seja gnóstico, quer seja maniqueísta, ou mesmo platônico. A teologia joanina concebe o mundo como criação divina, harmoniosamente relacionada ao contexto da criação de Gênesis 1, como o próprio prólogo promove (1.1-3). O mundo é designado positivamente, criado e habitado pelo Logos, contrariamente às filosofias que concebiam o mundo físico como a sede ou princípio do mal e lugar de fuga. É incoerente à teologia hebraico-joanina relacionar o mundo físico à ação do mal nos elementos materiais e concretos da existência humana, uma vez que essa própria teologia se utiliza dos elementos concretos do mundo e da vida para se expressar e conceituar a realidade transcendente. Até mesmo a forma de a teologia hebraica e joanina se referir a *bāsār* ou *sōma*, não implica alguma vileza presente na matéria da qual o homem foi formado e na qual o Logos se manifestou por meio da encarnação (1.14; Gn 2.7).

Todavia, na perícope de João 1. 9-10, o termo aparece com três sentidos peculiares: o mundo físico criado e habitado pelo Logos (Jo 7.14; 12.9; 18.20; 21.25); por metonímia, o mundo-humanidade (Jo 1. 9b-10a, 29), e o mundo que não conheceu o Logos que (Jo 8.26; 18.20), vinculado a Jo 8.23; 14.19, 22, 27; 18.36, tem sentido pejorativo e, segundo Mateos e Barreto, refere-se à *ideologia proposta por sistema que subjuga e submete o homem, tirando-lhe até o desejo de sua própria plenitude. A humanidade em seu conjunto deixa-se dominar por ela e renuncia à vida, seu único bem [...]* A frase “o mundo não a conheceu”, que descreve a rejeição voluntária do projeto de Deus sobre o homem, anuncia “o pe-

<sup>40</sup> A tese fundamental aqui é que o Evangelho de João foi escrita por um judeu, testemunha ocular dos eventos que narra, familiarizado com o estilo, a linguagem, os costumes, a geografia da Palestina, e com Antigo Testamento. Ver HENDRISEN, W. **Comentário do Novo Testamento: João**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 32-34.

cado do mundo”, que vai ser tirado pelo Cordeiro de Deus (1,29). A humanidade é dominada pelo pecado, por aceitar um regime de opressão; nega-se a deixar-se iluminar pela luz-vida, a deixar-se interpelar pela palavra<sup>41</sup>.

O emprego de *kosmos* para designar o gênero humano aparece em relação ao amor salvífico de Deus por toda a humanidade (Jo 3.16-17; 12.47; 1Jo 4.9; 4.17). O Senhor Jesus veio para tirar o pecado do mundo (Jo 1.29), sendo ele mesmo o Salvador do mundo (Jo 4.42) e aquele que dá vida ao mundo (Jo 6.33). O conceito de *kosmos*, portanto, refere-se aos seres humanos, àqueles que habitam-no, indistintamente (Jo 7.4; 12.19; 14.22; 18.20; 1Jo 4.1), sentido este presente nos Sinóticos.

De acordo com R. Bultmann, o *kosmos* também é designado na teologia joanina na forma de juízo teológico<sup>42</sup> contra os judaítas, porquanto recusam-se a reconhecer o Logos (Jo 1.10), o Paráclito (Jo 14.17) e o Pai (17.25). Pecam porque negam que Jesus fora enviado pelo Pai (Jo 16.8-11), porquanto suas obras são perversas (Jo 7.7) e, do mesmo modo como perseguiram Jesus, o farão com os discípulos (Jo 15.18; 17.14). Deste modo, Jesus não intercede pelo *kosmos*, isto é, o conjunto de pessoas que se recusam-se a crer nele e odeiam-no (Jo 17.9; 7.7) e também aos discípulos (Jo 15.18-19; 1Jo 5.19), porque esse mundo hostil (Jo 12.31; 14.30) representa o poder perverso do Mal, do diabo (Jo 17.15; 1Jo 5.19 – ver 1Jo 2.13-14), que escraviza e domina (Jo 12.31; 14.30; 16.11; 1Jo 5.19), e da qual participa a tradição judaíta.

Todavia, o *kosmos*, sistema injusto organizado e rebelado contra o Cristo, que afirmara sua legitimidade como juiz ao julgá-lo injustamente (Jo 18.30 – líderes judaítas), doravante será réu no tribunal do Espírito e convencido do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8-11). O “chefe desta ordem” – *archon tou kosmou* (Jo 16.11; 12.31; 14.30) –, segundo Mateus e Barreto, “encarna o círculo dirigente, considerado como um todo único, com plena unanimidade de objetivos”<sup>43</sup>. Em Paulo trata-se do *pneuma tou kosmou* (espírito do mundo), contrário ao *pneuma to ek tou theou* (o Espírito que procede de Deus – 1Co 2.12), da qual a comunidade cristã participa e o mundo não. O sentido histórico-escatológico de *kosmos* sob o principado do *archon tou kosmou* (Jo 16.11; 12.31; 14.30) tem desdobramentos mais abrangentes na teologia paulina. Não se reduz à criação e à desobediência voluntária do homem, mas segundo Bultmann “à situação do ser humano como um estado de escravidão sob poderes, por cujo domínio ele

<sup>41</sup> MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético**. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 52.

<sup>42</sup> BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004, p. 317.

<sup>43</sup> Id. *Ibid.*, p. 653.

*próprio é responsável*”<sup>44</sup>. O *kosmos*, por conseguinte, é a área de domínio de poderes demoníacos (ver *1Co 15.24; Ef 2.1; 6.12; Cl 2.15, in passim*). Assim, moralmente *kosmos* representa a humanidade alienada de Deus, não resgatada e hostil a Jesus e aos seus seguidores (1Jo 5.19). Esse *kosmos-oposição* deve ser rejeitado com todas suas efemérides (1Jo 2.15-17), porquanto, se alguém ama-o, o amor do Pai não está nele (1Jo 2.15). Este *kosmos* é vencido pelo poder da Palavra de Deus (1Jo 2.14; 4.4-6) e pela fé autêntica (1Jo 5.4-5). Os discípulos, assim como a comunidade cristã, pertenciam ao mundo, no entanto, foram escolhidos dentre o mundo para pertencer a Jesus Cristo (Jo 17.6), embora “devam continuar a viver no mundo (Jo 13.1; 17.11, 15). George Ladd afirma que:

Eles não mais participam do mesmo caráter como o do mundo porque pertencem a Jesus Cristo, tendo recebido sua palavra (17:14). O propósito de Jesus foi o de viver de acordo com a vontade do seu Pai, em vez de viver para fins puramente humanos, e, conseqüentemente, ele não foi considerado do mundo, embora estivesse no mundo. Da mesma forma também se pode dizer dos seus discípulos, os quais mudaram o rumo de seus objetivos meramente humanos para Deus, que eles não são do mundo (15:19; 17:14)<sup>45</sup>.

Como devemos considerar então as antíteses joaninas? Um dualismo à maneira platônica e gnóstica, ou uma antítese na qual dois termos opostos são colocados em paralelo em busca de síntese? É sabido que o Quarto Evangelho e outras partes das Escrituras do Novo Testamento contrapõem: *dois mundos* (Jo 8.23; 3.13; 6.33, 41, 50-51,58; 20.17); *luz e trevas* (Jo 1.5; 3.19-20; 8.12; 9.5; 11.9; 12.35,46); *espírito e carne* (Jo 3.6 [1.13]; 6.63; 4.24); *celestial e terrestre* (Jo 3.12). Na teologia joanina essas antíteses estão claras e, para fins deste breve estudo, seria mais sensato concordar com a maioria dos comentaristas joaninos a respeito da relação deste Evangelho com o gnosticismo, o mandeísmo e o judaísmo rabínico<sup>46</sup>. Todavia, coloco aqui uma questão que está para além deste ensaio, mas que apresenta minha perspectiva particular. Vejo um esforço hercúleo dos teóricos clássicos em tentar provar, por diversos recursos e métodos comparativos, a dependência e até mesmo a origem do Quarto Evangelho

<sup>44</sup> Ver BULTMANN, R. Id., *Ibid.*, p.320. Lembre-se que para o teólogo liberal R. Bultmann esses poderes fazem parte de “enunciados mitológicos”, conceito rejeitado pela teologia pentecostal. Todavia, justifica que essas representações mitológicas (anjos, demônios, poderes, etc.) não servem à teologia paulina para justificar ou desonerar o ser humano de responsabilidade e culpas. Paulo não afirma, por exemplo, que a morte no mundo foi culpa do diabo, mas do pecado de Adão (Rm 5.12). Para Bultmann tal linguagem é usada pelo apóstolo apenas para descrever uma realidade dentro da qual o ser humano está colocado – de contradição e de luta – e para qual ele deve sempre tomar uma decisão em escolher o seu senhor, compreendendo que o homem natural já se decidiu contra Deus.

<sup>45</sup> LADD, G. Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodus, 1997, p. 212.

<sup>46</sup> Ver DODD, C. H. **A Interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Teológica, 2010.



dentro desse contexto, a ponto de a inspiração com a qual o Espírito dotou a obra ficar completamente perdida em herméticos labirintos. E, assim demonstrado a relação do Evangelho com tais saberes, ratificar a hipótese dualista. Contudo, as antíteses joaninas como muito bem demonstrou K.G. Khun e Oscar Cullmann, encontram seu paralelismo mais nos textos de Qumran do que no dualismo gnósticos<sup>47</sup>. Além disso, os estudos recentes do Evangelho de João o coloca integrado aos três evangelhos e, principalmente, dependente do de Lucas<sup>48</sup>, o que reduz ainda mais a possibilidade de influências gnósticas e maniqueístas até então atribuídas ao escrito joanino.

Tais antíteses, devemos lembrar, traduz adequadamente a perspectiva da fé a qual apresenta o Novo Testamento, principalmente os ensinamentos de Jesus em João. Há aqui, em minha opinião, não um dualismo gnóstico ou estoico, mas uma dualidade na qual a nova vida é comparada e contrastada com a velha. A novidade do Evangelho proporciona não apenas uma nova natureza, como também uma nova realidade. Isto não é fuga do mundo, pois o *ser-novo* vive a novidade da nova vida no *kosmos*, mas não se identifica com o sistema injusto que o rege. O *ser-novo* pertence ao *kosmos* e assim, afirma Rubio, “não vive em ruptura-oposição entre espírito e matéria, muito menos em tensão de mútua oposição-exclusão”<sup>49</sup>. A dualidade está presente para ressaltar a necessidade de se viver integralmente a nova vida. O dualismo, ao contrário, ressalta o estado de oposição e taxonomia entre dois mundos e duas realidades litigantes. A dualidade está presente nos aspectos fundamentais da vida (quente/frio; dia/noite), mas o dualismo é uma interpretação dessa realidade.

A linguagem teológica do Quarto Evangelho valoriza não apenas o *kosmos* como criação divina, como também o corpo (*sōma e sarx*) em sua relação direta com o Logos, que “se fez carne”. Como isso pode ser considerado dualismo? A dualidade apresentada no Quarto Evangelho, no entanto, foi interpretada pela tradição cristã inculturada no mundo helênico como dualismo. Contudo, Irineu e Orígenes deram a devida resposta, condenando o dualismo dos gnósticos.

---

<sup>47</sup> Afirma Cullmann: “O prólogo do Evangelho tem sua correspondência em uma passagem da Regra (XI, 11), onde o pensamento divino aparece como mediador da criação. K. G. Khun, com razão, concluiu que as formas de pensamento da seita de Qumran são, por assim dizer, o terreno no qual o Quarto Evangelho finca suas raízes”. Ver CULLMANN, O. **Das Origens do Evangelho à Formação da Teologia Cristã**. 2. ed., São Paulo: 2004, p. 14.

<sup>48</sup> Não é possível abordar concretamente o assunto, portanto, recomendo a leitura de Mazzarolo, I. **Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos**. Porto Alegre: Mazzarolo, 2000 [edição do autor].

<sup>49</sup> RUBIO, G. Id., Ibid., p. 339.

## Conclusão

Os três elementos fundacionais de *kosmos* na teologia joaniana: mundo-físico, mundo-humanidade, e mundo-ideológico, não entram em confronto com a hermenêutica com a qual os pioneiros do pentecostalismo clássico e seus continuadores interpretaram o sentido de mundo. Todavia, isso não significa que a linguagem teológica com a qual expressavam a fé estava isenta do dualismo platônico (*ideia e coisa*) e cartesiano (*res extensa e res cogitans*).

Mesmo grandes teólogos das vertentes reformadas e fundamentalistas, que influenciaram a teologia pentecostal nascente, usavam essa linguagem para interpretar os dados da fé. Na verdade, ainda hoje com todo progresso teológico e filosófico, a teologia ainda continua à sombra de Platão, como na Patrística, e Descartes, como no alvorecer da Modernidade<sup>50</sup>. O encontro da teologia cristã com a filosofia dualista resultou tanto em contestação<sup>51</sup> quanto em assimilação<sup>52</sup>, desde os primórdios.

Logo, ao expressarem a fé viva do pentecostal e por considerarem a vida no Espírito como mais sublime do que a terrenal, os pioneiros enfatizaram mais a realidade da vida pneumatológica do que somática. Daí resulta certa alienação com respeito a vida política e pública, movidos não apenas por resquícios do *exemplarismo* filosófico como também pela iminência da *parousia*. Tratava-se mais de uma dualidade do que um dualismo cosmológico, embora na vida prática da comunidade as expressões misturaram-se ao dualismo platônico e cartesiano. Atualmente esse distanciamento e alienação tem sido paulatinamente combatido por teólogos e pastores comprometidos com uma teologia pentecostal inculturada. O teólogo pentecostal Amos Yong ilustra positivamente o conceito com a metodologia do Evangelho pentecostal quártuplo, intitulado pelo autor como teologia política pentecostal<sup>53</sup>.

Doutro modo, O mundo-físico jamais foi considerado mal ou perverso, pelo contrário. O discurso toma sempre como referência o fato de o mundo físico ser *usado* de maneira inapropriada e, portanto, perigoso à santidade e piedade cristãs. O segundo conceito, o de humanidade, a tradição pentecostal clássica sempre entendeu que o *agápe* divino fora dirigido a ela e, portanto, era

<sup>50</sup> Ver RUBIO, A. Garcia. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 5. ed., São Paulo: Paulus, 2001, p. 95-116.

<sup>51</sup> Ver LIÃO, Irineu de. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 2013.

<sup>52</sup> Cf. Orígenes. **Contra Celso**. 2. ed., São Paulo: Paulus: 2004.

<sup>53</sup> Ver YONG, A. **In the Days of the Caesars: Pentecostalism and Political Theology**. Grand Rapids, Michigan, 2009. Ver ainda do mesmo autor *Pentecostalismo: desafios e oportunidade*, in Revista Enfoque Teológico, vl. 3, no 1, 2016, p. 13-34.

missão da igreja anunciar as boas-novas a todos os homens. Contudo, distinguíu-se sim, o amor à humanidade das práticas e modo de vida desenfreado dos homens. Porquanto, formado principalmente por pessoas das camadas sociais mais despossuídas, vítimas de um regime excludente e elitista<sup>54</sup>, os pentecostais clássicos reforçaram o sentido da vida e da dignidade da pessoa humana, dirigindo-se contra todo tipo de vício ou modo de vida que roubava a dignidade do sujeito. Por conseguinte, o discurso pentecostal acerca do mundo-ideologia não está em contradição com o conceito joanino, muito pelo contrário, tem no conceito joanino seu impulso.

Por fim, deve-se lembrar que o modelo de interpretação das ciências humanas, usada para compreender o “mundo pentecostal” tem na figura de Prometeu seu fundamento. Como é sabido, Prometeu roubara o fogo, que representava as técnicas e as artes, a consciência e o conhecimento. A falta de Prometeu está em roubar o fogo, em fazer-se, por isso, homem técnico e sábio. Prometeu é um símbolo do domínio da técnica e da arte pelo homem sem relação alguma com o transcendente. Ele se faz homem sábio à revelia da transcendência. Não é este o símbolo usado pelos pioneiros e seus discípulos. Porquanto não estavam preocupados com o progresso do homem e sua relação transformadora da história por meio da técnica e da arte. Pelo contrário, o símbolo empregado por eles é Adão. O pecado ou a falta deste não é o de Prometeu – de torna-se homem sábio e dominar as técnicas e a arte –, mas em “ter rompido, em sua aventura de homem, o vínculo vital com o divino”<sup>55</sup>. O pecado de Adão foi o de romper sua relação com Javé e não o de pecar contra a natureza. A questão não é a de uma intenção autônoma e criadora, como em Prometeu, mas como a relação com o divino foi interrompida e o uso que a pessoa faz dessa autonomia, para sua perda ou salvação. Assim, efetua-se uma hermenêutica mais preocupada na relação vital do homem com o divino do que na transformação da história.

---

<sup>54</sup> Cf. MENDONÇA, A. G.; VELASQUES, P. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p.255ss.

<sup>55</sup> Adaptei essa reflexão a partir da interpretação de Paul Ricoeur a respeito da relação e interpretação cristã da história e do progresso, *in* RICOEUR, P. **História e Verdade**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968, p. 86.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANTONIAZZI, Alberto (et al.) **Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BENTHO, E. C. **Igreja, Identidade e Símbolos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- BORNHEIM, G. A. **Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.
- BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica: 2004.
- Castleberry, Joseph L. *Pós-pentecostalismo: estranha moda tenta apagar as manifestações espirituais na igreja*. In: MANUAL DO OBREIRO, Ano 28, n° 32, out-nov-dez, 2005, p. 14-18.
- Coleção Lições Bíblicas: 1934-1940. Vl. 01, Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- Coleção Lições Bíblicas: 1941-1945. Vl. 02, Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- Coleção Lições Bíblicas: 1946-1950. Vl. 03, Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- CULLMANN, O. **Das Origens do Evangelho à Formação da Teologia Cristã**. 2. ed., São Paulo: 2004.
- DANIEL, S. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil: os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal Brasileiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- DODD, C. H. **A Interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Teológica, 2010.
- GIL, A. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.
- HENDRISEN, W. **Comentário do Novo Testamento: João**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- IBAÑEZ, T. G. **El conocimiento de la realidad social**. Barcelona: Sendai, 1989.
- LADD, G. Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodus, 1997.
- LIÃO, Irineu de. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 2013.
- Libanio, J. B. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. 4. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. **O evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético**. São Paulo, 1989.
- MAZZAROLO, I. **Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos**. Porto Alegre: Mazzarolo Editor, 2000.
- MENDONÇA, A. G.; VELASQUES, P. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.
- MENSAGEIRO DA PAZ. Junho de 1946, n.11.

Orígenes. **Contra Celso**. 2. ed., São Paulo: Paulus: 2004.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_, **História e Verdade**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

ROLIM, F. C. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

RUBIO, A. Garcia. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 5. ed., São Paulo: Paulus, 2001.

YONG, A. **In the Days of the Caesar: Pentecostalism and Political Theology**. Grand Rapids, Michigam, 2009.

\_\_\_\_\_, **Pentecostalismo: desafios e oportunidade**. Revista Enfoque Teológico, vl. 3, no 1, 2016.

### ***Esdras Costa Benthó***

Pedagogo, Mestre e doutorando em Teologia pela PUC, RJ. É Coordenador do Curso de Teologia da FAECAD e professor na mesma instituição nos cursos de graduação e pós-graduação em Teologia. Av. Vicente de Carvalho, 1083 - Vila da Penha, Rio de Janeiro - RJ, 21210-001.

E-mail: esdrascb@hotmail.com